

## Personagens de romances de cavalaria e Encantaria no Maranhão: o encontro de dois mundos

Regina Célia de Lima e Silva<sup>8</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta aspectos abordados na tese de Doutorado defendida em 2015, em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense, que trata da presença de personagens da narrativa *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, na religião do Tambor de Mina maranhense. Numa de suas ramificações, a Encantaria, essas personagens ressurgem como entidades, instigando-nos a entender como aconteceu esse processo. Para chegarmos à compreensão do que podemos chamar de um fenômeno, que foge às teorias que envolvem a Literatura, adentramos o universo mítico daquela religião de matriz africana. Além disso, observamos as transferências de conhecimento, pelas *Iyalorixás*, através da oralidade e voltamos aos registros mais antigos dos romances vulgares ibéricos, que foram o embrião dos romances de cavalaria em prosa. Ainda que a tese tenha sido defendida há algum tempo, seu tema não se esgota e as reflexões aqui postas continuam muito relevantes.

**Palavras-chave:** Encantaria; personagens; romances vulgares; oralidade.

**Resumen:** Este resumen presenta aspectos discutidos en la tesis de Doctorado defendida en 2015, en Literatura Comparada, por la UFF y trata de la presencia de personajes de la narrativa *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, en la religión del *Tambor de Mina maranhense*. En una de sus ramificaciones, la *Encantaria*, esos personajes resurgen como entidades, instigándonos a comprender cómo ese proceso aconteció. Para que llegásemos a la comprensión de lo que podemos llamar de un fenómeno, que huye a las teorías que envuelven la Literatura, adentramos el universo mítico de aquella religión de matriz africana. Además, observamos las transferencias de conocimiento, por las *Iyalorixás*, a través de la oralidad y volvemos a registros de los romances vulgares ibéricos, que fueron la cuna de los romances de caballería en prosa. Así puesto, el tema no se ha agotado y sus reflexiones siguen siendo pertinentes.

**Palabras clave:** *Encantaria*; personajes; romances vulgares; oralidad.

### Introdução

Neste artigo vamos tratar de algumas reflexões sobre a estreita ligação entre a poesia romance de origem ibérica, personagens das histórias de cavalaria e a Encantaria do Tambor de Mina no Maranhão. Tais reflexões fazem parte da tese *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França na Encantaria maranhense: do livro à voz no Terreiro da Turquia*, de 2015 e lançada em livro no ano de 2018. Nela

---

<sup>8</sup> Doutora em Literatura Comparada. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Colégio Pedro II / RJ. E-mail: [reginalima4@gmail.com](mailto:reginalima4@gmail.com).

mostramos os resultados das investigações sobre entidades do Terreiro da Turquia saídas das páginas daquelas narrativas e absorvidas pelo imaginário popular. Para tanto, percorremos os caminhos de uma religião de matriz africana, trazida pela realeza daomeana no século XIX, o Tambor de Mina. Este, nos movimentos naturais de adaptação e convivência com outras culturas, como a indígena, portuguesa, espanhola e francesa, precisou trazer para dentro dele outras formas de culto: a Pajelança e a Encantaria. Dessa maneira, pode incluir em seus rituais entidades que não tinham origem africana, mas ameríndia e europeia.

Ingressar no universo mítico do Tambor de Mina e da Encantaria maranhense é mergulhar em sincretismos, hibridismos, encontros de cultura popular e erudita. É voltar ao passado através da memória e das representações de cunho não apenas festivo, mas também religioso, quando os mitos se repetem e se refazem eternamente, mantendo vivas histórias e personagens lendárias inolvidáveis.

A mistura das culturas banto, indígena e ibérica, representada por características essenciais da religião do Tambor de Mina, revela muito das tradições particularmente diferenciadas nas regiões do Maranhão e do chamado Grão-Pará, hoje apenas Pará. São essas manifestações religiosas que nos fazem perceber uma unidade dentro da diversidade cultural, cuidadosamente construída com esses encontros de culturas tão diversas e que, no fim das contas, se tornam apenas um único bloco amalgamado, nos momentos das representações públicas. Tomemos como exemplo a Festa do Divino Espírito Santo, que movimenta vários grupos religiosos na cidade de São Luís, como os terreiros tradicionais de Tambor de Mina e as igrejas católicas da região. O público que vai às festividades da Casa das Minas, por exemplo, é o mesmo que vai à missa. Mais que isso, a festividade, originariamente cristã, é idealizada, preparada e vivenciada nos terreiros mina, sendo as igrejas os lugares de menos destaque nesse momento tão importante para o calendário maranhense. Nessa festa barroca, como denominou o professor Sérgio FERRETTI (2007: 15), há a presença das ricas representações dos impérios, com crianças paramentadas, como reis e rainhas, vindas das cortes europeias, mas, ao mesmo tempo, há a presença das caixeiras, seus tambores, com toques africanos e toadas, que lembram cantos gregorianos (2007: 10).

Quando assistimos à Festa do Divino percebemos a convivência entre duas realidades opostas, mas que, na verdade, recria um terceiro fenômeno que pode ser

entendido como genuinamente brasileiro. É aí que está a beleza do folguedo, solene, nas missas, nas ladainhas e nas cerimônias de cunho cristão; africano, com a preparação da festa a pedido de algum *vodum*<sup>9</sup> ou encantado<sup>10</sup> e, principalmente, com sua presença *in loco* em vários momentos da festividade. O terreiro leva o catolicismo popular para dentro dele, conduz toda a festa, mas o paralelismo entre a religiosidade africana e cristã se mantém (2007: 14 e 16). As duas parecem misturadas, mas não se confundem.

Iniciar este artigo abordando a Festa do Divino nos ajudará a entender as relações estabelecidas dentro do Tambor de Mina e da Encantaria maranhense – relações entre os tipos de cerimônias desenvolvidas nos terreiros e a presença de determinados tipos de entidades, como os chamados gentis ou fidalgos, surgidas dos romances de cavalaria medievais. Além disso, é necessário voltar às origens daquela religião, se queremos chegar ao eixo deste artigo, que é a ligação da poesia romance ibérica à religião dos encantados. É necessário, também, fazer uma retrospectiva de pontos importantes para compreender como isto se deu. Precisamos voltar ao mito sebastianista na região do Maranhão, aos romances de cavalaria e à origem do Tambor de Mina e da Encantaria. Assim, entenderemos como diferentes vertentes culturais podem compartilhar do mesmo tipo de religiosidade, aquela nasce dessa convivência.

## Mitos de origem

Lendas, mitos e tradições das mais variadas origens habitam o imaginário do povo maranhense. Sua cultura popular nasce da mistura desses elementos, que agregam características especiais a uma religiosidade peculiar, em uma região do Nordeste que beija o Norte e quase se confunde com ele, pela proximidade com a Amazônia. Assim sendo, como não pensar que alguns seres que fazem parte dos mitos de determinada localidade não seriam semelhantes aos de outra? A oralidade é o transporte, que leva de um lugar ao outro as histórias, contadas e recontadas inúmeras vezes, numa roda que nunca para de girar, infinitamente.

Tomemos alguns exemplos desses mitos e lendas para melhor entendermos o imaginário do povo maranhense. Em São Luís, nosso lugar de interesse, encontramos

---

<sup>9</sup> Divindades similares aos orixás do culto jeje.

<sup>10</sup> Entidade da Encantaria.

várias lendas, como a da serpente encantada, que um dia despertará de seu profundo sono e afogará os habitantes da ilha. Outra lenda que desafia a imaginação dos maranhenses é a da praia do Olho d'Água e da índia que chora por seu amor, levado para o fundo do mar pela mãe d'água. A mais famosa de todas é a de Donana Jânsen, uma mulher que cometeu várias atrocidades contra seus escravos e que hoje em dia é vista em sua carruagem fantasma pelas noites de São Luís.

Além dessas histórias fantásticas, há as de fundo místico e religioso. A de Nossa Senhora da Vitória, padroeira da cidade, nasceu da batalha entre franceses e portugueses. Estes, em menor número de soldados e armamentos, obtiveram o milagre de multiplicação de suas munições das mãos milagrosas da Virgem e, assim, venceram a batalha.

A última das lendas e não menos famosa é a do boi. Talvez seja a tradição mais conhecida fora do Maranhão, tendo se transformado na festa mais importante para os maranhenses, o bumba-meu-boi, e tem sua comemoração no mês de junho, não só no Maranhão, mas também em Parintins, Amazônia. Trata do boi que ressurge num dos mitos mais difundidos e conhecidos do Maranhão, o de Dom Sebastião, o Encoberto<sup>11</sup>.

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago  
Mistério.  
Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro  
E breve  
(PESSOA 1934, n.p.).

O rei encantado desperta a imaginação de quem visita o Maranhão e ouve as histórias relacionadas a suas aparições nos encantos<sup>12</sup>. Dom Sebastião surge em variadas manifestações populares e também na Encantaria depois de penetrar a região maranhense, na área das dunas da Ilha dos Lençóis. Ali, o Encoberto vive com sua corte

---

<sup>11</sup> Aquele que se esconde.

<sup>12</sup> Lugares onde habitam os espíritos dos encantados, os não mortos.

até os dias de hoje e é visto muitas vezes em forma de touro, com uma estrela na testa. A escolha das dunas não seria por acaso, pois seu novo lar lembraria a região da África onde o rei teria desaparecido.

A história do mito de Dom Sebastião começou com seu desaparecimento na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, quando Portugal foi levado a sua derrocada contra os mouros. Como consequência, Espanha passou a dominar, não apenas Portugal, mas também suas colônias, de 1580 a 1640. Foi a partir daquele momento que nasceu o mito sobre o rei encantado, sendo o imaginário popular português inundado de profecias que diziam que ele não havia morrido. E foi esse mesmo imaginário que migrou para o Brasil nas viagens dos antigos navegantes.

A ideia messiânica de sua volta como um novo Cristo para instaurar um novo império ganhou força. Mesmo depois de encontrado um corpo, que hipoteticamente seria o de D. Sebastião, o mito já se havia fixado irremediavelmente na mentalidade popular (SILVA 2018: 75). Não seria difícil desejar-se a chegada de um rei salvador que desapareceu em batalha e que tinha a missão de mudar a vida dos habitantes do chamado *Marañón*, lugar que sofria as consequências de disputas entre Portugal e Espanha na época do domínio espanhol sobre as terras conquistadas pelos portugueses.

O mito de Dom Sebastião não é patrimônio apenas das festas populares, mas penetra o Tambor de Mina, os rituais da Pajelança, da Encantaria e da Cura. Ele faz parte de uma família de entidades de destaque na Encantaria. A Família do Lençol, da qual ele é chefe, é composta de fidalgos, como Dom Luíz, Rei de França, Dom Manoel, Dom Henrique, Príncipe de Oliveira, Princesa Oruana, Duque Marquês de Pombal (PRANDI; SOUZA 2004: 220-234) e muitos outros, todos eles incorporados aos cultos como entidades.

Só é possível que o Rei Encoberto ou que as entidades gentis e fidalgas reapareçam na Mina como resultado do hibridismo cultural e do sincretismo religioso estabelecidos no Maranhão. Nela o sagrado é vivido cotidianamente, nas oferendas, nos rituais e, principalmente, no retorno do rei através de sua incorporação por algum filho de santo da casa (LUCA 2010: 112). Dessa maneira se mantém vivo o mito e se reafirma que o encantado não morreu, mas está vivo em seu reino no encanto.

Mas é nesse momento que devemos rever outro fato que se encontra com os elementos culturais ibéricos e as tradições ameríndias. Esse fato será importante para

forjar-se uma identidade genuinamente brasileira a partir desse caldeirão de mitos e crenças: a origem do Tambor de Mina.

O Tambor de Mina incorpora todas as tradições que fazem parte do imaginário do povo maranhense: Festa do Divino, a Pajelança indígena, a Encantaria com as famílias nobres e caboclas, os orixás e *voduns* africanos, as ladainhas em latim, o luxo das vestimentas, que lembram as das famílias nobres europeias e daomeanas. Embora tudo isso seja de extrema relevância, também precisamos voltar às origens do Tambor de Mina, que foi assentado na Casa das Minas, na Rua São Pantaleão, em São Luís, no século XIX. Sua história é rodeada de mistérios, segredos e dúvidas. Diz-se que foi Mãe Maria Jesuína, que cultuava o *vodum* Zomadonú, quem fundou a casa. Sérgio FERRETTI afirma que a verdadeira fundadora seria na verdade a mãe de santo de Maria Jesuína. Ele também diz que ao perguntar por Nã Agontimé às mais velhas do terreiro, elas lhe disseram que desconheciam a princesa e mantiveram em segredo o nome de sua fundadora (FERRETTI 2009: 55).

Entretanto, foi por intermédio de Pierre Verger, que algumas dúvidas começaram a surgir sobre a verdadeira fundadora do terreiro. Em 1948, após incursões feitas por ele à região de Abomé na África, certificou-se dos laços entre a Casa das Minas e membros de uma família real, enviados como escravos para o Novo Mundo (VERGER 1990: 152). Investigando a história do Daomé, o etnólogo descobriu que as desavenças entre os reis motivou a venda de um desses membros como escravo, pelo terrível Adandozan. Tal membro era nada menos que Nã Agontimé, que teria trazido os *voduns* e seu culto de Abomé para São Luís. Pierre Verger seria, segundo CAVALCANTI (2019: 07), o “autor/ator central na construção de uma narrativa-síntese da origem da Casa das Minas”.

A história familiar da princesa não é difícil de ser aceita, pois não era raro que pessoas de um mesmo grupo familiar vendessem seus inimigos, mesmo com laços consanguíneos. Semelhante a histórias míticas, esta deu à religião da Mina a importância que alcançou. A Casa das Minas era uma “sociedade africana transplantada para o Brasil” (CAVALCANTI 2019: 5). O *pegi*<sup>13</sup>, com seus *voduns*, cultuados no Daomé, foi trazido e plantado na casa (CAVALCANTI 2019: 6). Tais entidades recebiam os nomes da realeza daomeana, nomes desconhecidos para os grupos que

---

<sup>13</sup> Lugar onde estão guardados os fundamentos do terreiro; quarto dos segredos.

receberam esse culto no Maranhão. Esses dados foram suficientes para acreditar-se que a mãe do rei Ghézo foi a fundadora da Casa das Minas ou Querebentã de Zomadônu. Reforçada pelos registros de Verger, seria difícil contestar sua veracidade, pois o tráfico negreiro levou para o Maranhão muitos daomeanos e, junto com eles, suas tradições e sua religiosidade. Além disso, havia o interesse de Verger em explicar a presença de divindades da família real no culto da Mina e enaltecer-se a memória do rei Ghézo, no lado africano (CAVALCANTI 2019: 8).

Outros dados podem aprofundar as informações explicitadas neste artigo sobre a Casa das Minas, Nã Agontimé e os *voduns* de Daomé, mas um detalhe a ser destacado é o do culto aos grupos de divindades cultuadas em famílias. Essa tradição também foi incorporada à Encantaria, como no caso da família do Lençol, de Dom Sebastião, abordado anteriormente. É dessa tradição de culto às famílias que partimos para os encantados do Terreiro da Turquia, nosso lugar de interesse para a observação das relações entre o romance ibérico e essa religião do Maranhão.

## **Encantaria do Terreiro da Turquia**

O Terreiro da Turquia ou Fé em Deus (*Nifá Olorum*) foi fundado no século XIX por Mãe Anastácia, uma frequentadora da Casa das Minas. Ao conhecer o famoso babalorixá Manoel Teu Santo e ser cuidada por ele, abriu aquela casa, a pedido de uma de suas entidades, o rei turco.

Como já comentamos, a tradição do culto a famílias de entidades foi mantida em outras casas, assim como começou na Casa das Minas. O Rei da Turquia ou Ferrabrás de Alexandria não era a única entidade recebida por Mãe Anastácia. Segundo Pai Euclides TALABYAN, pai de santo da Casa Fanti Ashanti, ela também incorporava seu pai, o almirante Balão.

Aqueles que conhecem religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, podem estranhar os nomes das divindades aqui mencionadas, mas a Encantaria possui uma mítica bastante peculiar, que favorece o surgimento de entidades como o Rei da Turquia ou a princesa Floripes. Estas entidades são personagens saídas dos livros de cavalaria, da *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de*

*França*. Elas fazem parte dos inimigos mouros de Carlos Magno e travam lutas ferrenhas contra ele e seus pares.

Uma das explicações para a existência do rei turco na Encantaria vem de um dos mitos narrados por Pai Euclides, que conta sua vinda para o Maranhão com o primo Dom João. Depois de atravessarem o Atlântico, Dom João abandonou o rei turco, sendo que este, ao deparar com uma grande festa na floresta, foi convidado por Caboclo Velho para integrar-se ao grupo, passando a viver ali. Os dois grupos se misturaram de tal forma que Caboclo Velho passou a ser considerado irmão do Rei da Turquia (FERRETTI 2000: 125).

O segundo mito narra e sua viagem pelo portal tridimensional da Encantaria ao fugir com suas filhas da guerra de Jerusalém. Ao passar pelo Estreito de Gibraltar, cruzou o portal que o levou até a Amazônia. Lá, foi recebido por Caboclo Velho. Desse encontro, o resultado foi o “ajuremamento”<sup>14</sup> dos turcos e o “aturcoamento”<sup>15</sup> dos índios locais. O rei turco viveu por algum tempo no reino de D. Sebastião, mas resolveu ir embora e fundar sua própria Encantaria (LUCA 2014).

Outro mito muito parecido é o narrado por Pai Luiz de Tayandô<sup>16</sup>. Ele conta que o rei turco enviou suas filhas, Mariana, Jarina e Erundina, em um navio para a África depois da conquista de Jerusalém pelos cristãos. Ao cruzarem o portal para outros mundos em Gibraltar, as princesas ficaram presas e adormecidas em uma espécie de limbo por muitos anos. Só em 1500, após passarem pelo rio Amazonas, depararam-se com a pororoca, que as deixou ingressar definitivamente no mundo da Encantaria. Na tribo de Caboclo Velho, elas se “ajuremaram” e ganharam características de índios. Muito tempo depois, seu pai, Toi Dar es Salaam, também seguiu viagem para buscar suas filhas, mas passou pelo mesmo processo que as três. Deparou-se com Caboclo Velho, que o reconheceu como um ancestral indígena que estava de volta para cumprir seu destino e assim foi coroado Rei Marajó. Com a chegada do Dom Sebastião à Ilha dos Lençóis, este recebeu as princesas turcas para viverem em seu reino. Apenas uma delas, Jarina, aceitou o convite e, para sua surpresa, reencontrou o pai, que também estava na ilha.

---

<sup>14</sup> Transformação em índio.

<sup>15</sup> Transformação em turco.

<sup>16</sup> Informação extraída do documentário *A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados*. Doc. TV. 2004. <https://www.youtube.com/watch?v=xjSABZwn4O4>. (09/07/2020).

Toi Dar es Salaam hospedou-se por muito tempo na Ilha dos Lençóis, mas sempre sonhou em voltar para seu povo. Por isso, não se deixava incorporar por ninguém como entidade, diferentemente de suas filhas, que passaram a fazer parte do Tambor de Mina de maneira definitiva, e Mariana se tornou a mais cultuada e querida das princesas.

Sem abandonar seu objetivo de regresso, o rei só mudou sua maneira de pensar com a chegada dos escravos às regiões da Amazônia e do Maranhão ao conhecer os *voduns* trazidos do Daomé, como Davissi, Dambirá, Dadaho e Averequete, sendo este último o *vodun* das alianças, que une o Tambor de Mina à Encantaria. Averequete faz uma grande reunião no meio da floresta amazônica e convida *voduns*, orixás, *inquisis*, caboclos, encantados e a Família da Turquia, encontro este que finalmente consagra e funda o Tambor de Mina.

Depois do grande ritual, Dar Salaam manda seu vizir buscar alguém com as qualidades suficientes para incorporá-lo. Anastácia foi escolhida, então, ainda na barriga de sua mãe e, futuramente, depois de ser preparada na casa de Manuel Teu Santo e de receber o Rei da Turquia, resolveu abrir sua casa, junto com mãe Doca, o Terreiro da Turquia, em 1889.

## **Livros de cavalaria e romanceiro ibérico na Encantaria**

Suenen cajas y clarines  
 Y sonoros instrumentos  
 En acordes consonâncias  
 Por los espacios del tiempo,  
 Para dar claras noticias  
 Del caso mas estupendo,  
 La mas reñida batalla  
 Y los mas recios encuentros  
 Que ha habido entre espada y lanza,  
 Mano a mano y cuerpo á cuerpo.  
 Ya sabrán que hubo en Turquía,  
 En nuestros pasados tempos,  
 El almirante Balan,  
 Señor de todos sus reinos.  
 Este tal tenia un hijo  
 Agigantado en su cuerpo,  
 Que con quince piés de largo  
 Era una torre de buesos,  
 Y por su grande valor

Este nombre le pusieron:  
 Fierabras de Alejandria,  
 El que a nadie tuvo miedo  
 [...]

Este é o romance vulgar cavalheiresco ou *pliego suelto* sobre as batalhas de Carlos Magno e os Doze Pares de França contra os mouros. É um dos romances da coleção de Augustín DURÁN (181: 229) e sem data definida. Nesse extenso *pliego de cordel*, dividido em oito partes, encontramos as personagens ressurgidas na Encantaria: Ferrabrás de Alexandria ou Rei da Turquia, o Almirante Balão e a Princesa Floripes. Seu enredo se resume a:

*Romances de Carlo-Magno y los doce pares de Francia que contiene: el desafio de Oliveros y Fierabrás, los amores de Floripes y Gui de Borgoña, con otras muchas aventuras, amores y guerras, así mismo se refiere la batalla de Roncesvalles, la muerte de Roldán y de otros pares de Francia, todo según el libro vulgar de Carlo-Magno y la crónica del Arzobispo Turpín.*

Foi a partir desse romanceiro vulgar, surgido nas praças medievais de forma oral, que as aventuras de Carlos Magno e suas personagens passaram para as folhas impressas, primeiramente penduradas como cordel, para posteriormente se transformarem em narrativas em formatos ampliados e novelescos, os romances de cavalaria. Um dos exemplares desse romance veio parar nas mãos da fundadora do Terreiro da Turquia, como um presente. Não por acaso, transformou-se na relíquia mais importante daquele lugar sagrado para os seguidores do Tambor de Mina, mas antes de chegar nele passou por um longo percurso, desde as primeiras explorações dos navegantes ibéricos até ser visto e fotografado, pela última vez, pela Professora Mundicarmo Ferretti, em 1988.

A *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* é o livro que citamos acima e que faz parte dos objetos sagrados do Terreiro da Turquia. É um romance de cavalaria muito difundido no Brasil, principalmente no século XIX e no início do século XX. Segundo alguns autores como Peter BURKE (2011: 197-198), os romances de cavalaria foram apresentados tardiamente ao Novo Mundo, pois antes de sua descoberta (1492), essa expressão literária já tinha sido muito popular no que hoje chamamos de Europa. Na Espanha, o gênero era bastante difundido na Idade Média,

tanto na forma escrita como na oral. Cristãos e muçulmanos apreciavam as histórias – que também chegaram a ser escritas em árabe – sobre castelos, gigantes e batalhas.

Considera-se que o gosto por aquela literatura na Espanha estendeu-se por um longo tempo, mesmo que em outras regiões já tivesse perdido sua importância. No século XVI, eram publicados muitos romances de cavalaria, entre eles, *Tirante el Blanco*, um dos mais conhecidos no século anterior (1490), e *Palmerín de Oliva*, de 1511 (BURKE 2011: 198).

A popularidade dos romances de cavalaria ocasionou publicações em diferentes formatos, como contos e *pliegos sueltos* e tanto os espanhóis como os portugueses os consumiam. No reinado de Dom Sebastião, foram muito divulgados e o apreço do Rei por esses livros o fez agir como se fosse uma personagem daquelas narrativas (BURKE 2011: 200). Depois de sua morte, considerada heroica em Alcácer Quibir (1578), este mesmo Rei assumiu finalmente o cunho do herói, que tanto buscou em vida, e seu mito chegou até o nosso continente, influenciando tradições populares e até fatos políticos no Brasil, como a Guerra do Contestado, em 1912.

Nos longos relatos dos romances de cavalaria fatos incríveis e muitas vezes inverossímeis são contados. Neles aparecem personagens heroicas, criaturas fantásticas e ações de valentia em lugares encantados. Os leitores aceitavam as narrativas sem contestar-lhes o conteúdo e se identificavam muito com aquele mundo de fantasia. As oportunidades mínimas de alfabetização e a crença em superstições tornavam tais fatos possíveis, na mente popular. Com o aparecimento da imprensa, houve o aumento de sua distribuição, o que os popularizou ainda mais e potencializou as crenças impregnadas no pensamento medieval. Não foi difícil repassar a mesma crença transmitida pela voz dos narradores para os impressos, o que fez com que o êxito dos romances de cavalaria atravessasse vários séculos até chegar a uma fase mais tardia na Espanha. Esse mesmo gosto se mantém no Brasil também tardiamente avançando pelo século XX.

Alguns autores registram que, no Brasil, essa história teve muita importância na vida do sertanejo e foi uma das mais vendidas junto com o *Lunário Perpétuo*, pequeno livro de ensinamentos, rezas, horóscopo e vidas de santos, que muitos carregavam sempre consigo, como uma Bíblia a ser seguida (CASCUDO 2001: 121-122). Marlyse MEYER (2001: 140) mostra o significado da narrativa de Carlos Magno ao afirmar que:

“Fixado em livros, mas também em folguedos, a lembrança de Carlos Magno impregna memórias, escritas ou orais, ‘letradas’ ou ‘populares’, embala sonhos e encantamentos das crianças”.

Trazida para o Brasil pela memória dos colonizadores ou pelos livros, a *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França* se espalhou pelo Nordeste, ganhando a preferência popular. A versão em português de J. Moreira de Carvalho era a que chegava às mãos do público. Pergunto-me por que ela foi tão apreciada pelo brasileiro, principalmente o do interior, do sertão, de lugares afastados do litoral, por onde os romances de cavalaria e outros livros entraram? A primeira resposta é que o sertanejo vivia em descompasso com as cidades litorâneas, em um sistema arcaico em suas relações sociais, levando a sério valores antigos ainda ligados a sistemas medievais trazidos durante a colonização. A segunda resposta é que Carlos Magno representava uma ordem unitária que se implantou de forma violenta “a ferro e fogo no Novo Mundo: uma fé, uma lei, um rei” (MEYER 2001: 156) e quase sempre disfarçada nas festas autorizadas pela Igreja Católica, ainda bastante populares nas pequenas cidades do interior.

As façanhas de Carlos Magno, seus pares de França e seus inimigos se inseriram na vida do sertanejo e do interiorano de forma a serem reelaboradas e representadas em outros contextos, como nas tradições populares a exemplo da Festa do Divino, nas regiões do Maranhão (MEYER 2001: 140). Reminiscentes da época da catequese, nasceram do esforço da missão de conversão dos jesuítas. As lutas entre mouros e cristãos, repetidas nas festas de fundo religioso, confundem realidade e a ficção, mas a implantação do cristianismo no continente recém-descoberto sempre fora a ideia principal.

É certo que a narrativa da história de Carlos Magno foi bastante conhecida pelo povo sertanejo na forma de prosa, mas descobrimos que ela nos chegou também em *pliegos sueltos*, pequenos livrinhos baratos vendidos em feiras, os quais popularizaram os longos *romances* ibéricos. Com as viagens de exploração à América, esses livretos foram enviados nos navios em grande quantidade.

Poesias como essas cruzaram os mares entre os livros mais tradicionais e, em um meio marcado pela alfabetização escassa, elas se destacaram. Além de lidas, também

foram transmitidas pelos recitadores nordestinos e assimiladas em outros tipos de representações populares.

Segundo Câmara CASCUDO (2006: 21-22), a literatura oral era passada por intermédio das danças de roda, dos jogos infantis, dos acalantos, das adivinhações, dos desafios e da improvisação popular. Façamos um parêntesis aqui para tratar rapidamente da expressão “literatura oral”, adotada pelo autor. Para outros como Jack GOODY (2012: 43), ela é um pouco problemática, pois o termo literatura pressupõe algo escrito. Ele prefere usar a expressão *lecto-oral* quando uma influencia a outra, e dessa maneira, evitar confusões. Ao abordarmos o tema, adotamos as formas mais atuais, tradição oral ou oralidade.

Segundo Câmara Cascudo, o repertório de histórias como as da *Princesa Magalona*, da *Imperatriz Porcina* e de *Carlos Magno e os doze Pares de França* eram conhecidas pelo povo de forma representada ou contada. Além disso, os processos de versificação popularizada facilitaram a memorização de seus divulgadores. Tais histórias chegaram ao Brasil e ao resto da América em “livrinhos” enviados pela Espanha e por Portugal. O que ele chamava de “livrinhos” eram apenas as histórias resumidas de clássicos da literatura em *pliegos de cordel*, que originaram nosso cordel brasileiro e os *corridos* latino-americanos (CASCUDO 2006: 21-22).

Dom Francisco Rodríguez Marin, citado por Juan Alfonso Carrizo, procurou no Arquivo Geral das Índias, em Espanha, os registros de despachos das naus que partiam para América, pesquisando quais livros seriam enviados nos séculos XVI e XVII. A partir de 1580, ano da posse de Felipe II, unificando administrativamente a Península Ibérica, Marin depara ‘veinte resmas de Pierres y Magalona’ mandados para Nueva Espana e Puerto Belo. A frota de 1599 levou ‘siete caxas donde van quarenta resmas de menudencias, como son Calro Manos y Oliueros de Castilla y otras muchas suertes de libros y coplas para niños. Echase de ver, pues, que contra lo que hasta ahora se ha creído, con Carlomagno y Oliveros se desttaban en América los muchachos, más que con catecismos y cantones’. Em 1605 seguem ‘seys libros de Calro Mano, doce *Doncella Teo-dor*’, etc. Esses livros viajavam do México para Argentina, via Peru. Compreende-se que o mercado brasileiro fosse o mesmo<sup>17</sup> (CASCUDO 2006: 209).

---

<sup>17</sup> Texto reproduzido do original.

Os exemplares mais baratos enviados para cá, pela Companhia das Índias, desde o século XVI, continuaram a ser reeditados em verso e prosa, eram decorados, declamados e cantados, mantendo-se assim a tradição até hoje entre o povo mais simples e semiletrado (CASCUDO 2006: 210). Antônio LOPES (1967: 6) observa que, no romanceiro maranhense de meados do século passado, as versões dos romances peninsulares colhidas em sua terra eram recitadas ou cantadas por gente do povo, homens e mulheres que não sabiam ler ou escrever.

Câmara CASCUDO (2000: 123) afirma que os poetas sertanejos, em suas cantorias, passaram alguns episódios da história de Carlos Magno para sextilhas, como a prisão de Oliveiros e a luta de Ferrabrás, e faziam até um resumo da vida do Imperador. Assim, o romance ibérico foi perpetuado em nosso continente pela Literatura de Cordel sem que o sertanejo tivesse consciência de sua origem europeia.

Alguns cordelistas importantes escreveram poesias dedicadas à história do Imperador Carlos Magno. Um deles foi Leandro Gomes de Barros. Seu cordel intitulado *Batalha de Oliveiros e Ferrabraz*, que narra a luta sangrenta entre o par de França e o gigante turco, foi muito conhecido no Nordeste.

A seguir, um trecho de uma edição de 1913:

[...] O almirante Balão  
 Tinha um filho – o Ferrabraz,  
 Que entre os turcos, era o mais  
 Que tinha disposição  
 Mesmo em nobreza de acção  
 Era o maior que havia  
 Então em toda Turquia  
 Onde se ouvia fallar,  
 Tudo tinha de respeitar  
 Ferrabraz de Alexandria [...]  
 (BARROS 1913).

Ao observarmos o poema, notamos sua semelhança com o *pliego suelto* encontrado em *Romancero General ó Colección de Romances Castellanos Anteriores al Siglo XVIII*, na obra de Augustín Durán, que foi citado no início deste capítulo.

Observamos em outro cordel a manutenção da mesma forma imperativa, vista no *pliego suelto*, para chamar a atenção do leitor para a história que será contada. Vejamos

um trecho de *A prisão de Oliveiros*, de Gomes de Barros, e outro do *pliego suelto* anônimo:

Cordel:  
 Quem leu a batalha horrenda De Oliveiros e Ferrabraz  
 Não deve ignorar mais  
 O que é uma contenda  
 Vê uma luta tremenda,  
 como se ganha a vitória.  
 Pode guardar em mimoria  
 O combate mais horrível Paresse até impossível  
 O passado desta história [...]  
 (BARROS n. p.)

*Pliego suelto*:  
 Suenen cajas y clarines  
 Y sonoros instrumentos  
 En acordes consonancias  
 Por los espacios del tempo,  
 Para dar claras notícias  
 Del caso mas estupendo,  
 La mas reñida batalla  
 Y los mas recios encuentros  
 Que ha habido entre espada y lanza [...]  
 (DURÁN 1851: 229).

Os dois exemplos apresentam uma afinidade quanto à forma e quanto ao que se narra. Seria natural, por tais motivos, pensar-se que a poesia de Leandro Gomes de Barros tivesse saído diretamente do *pliego suelto* citado. O que afirmam alguns autores é que o que serviu de matriz para o cordel foi o texto em prosa, fazendo-se as adaptações devidas para transformar uma modalidade em outra. A autora Jerusa Pires FERREIRA (1993: 17) afirma que a transformação de prosa em poesia popular foi facilitada pelo fato de a primeira ser um “conjunto de relatos de tramas simples” que, mesmo sendo muitos e extensos, podem ser facilmente transmitidos ou adaptados. A complexidade da prosa se resume em quantidade inferior de versos, mas não diminui a relevância do que se narra, pois foram escolhidos momentos cruciais do livro original. O poeta aparenta ter uma grande memória e bastante capacidade de síntese ao criar seus versos, mas na verdade há certa obediência (FERREIRA 1993: 25) ao texto matriz, por isso, não há mudanças quanto aos fatos narrados.

Sem desconsiderar as alegações de Jerusa Pires Ferreira, é quase impossível não pensar que a poesia romance não teria influência direta sobre o cordel. Temos Leandro Gomes de Barros como um dos melhores exemplos para confirmar esse fato. Outra questão que nos aproxima mais da poesia do que da prosa, como facilitadora da memorização das histórias sobre Carlos Magno e sua luta contra os mouros, é a simplicidade do primeiro tipo de narrativa em comparação com o segundo, mais sofisticado, longo e com linguajar muito distante do coloquial.

O livro *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, pertencente à Mãe Anastácia e passado às mães de santo seguintes, era em prosa, isto é certo. Isso não impediria a memorização da narrativa através do acesso a leituras menos complexas daquela história e de outras experiências pela oralidade.

## **Considerações finais**

Existe um grande elo entre a Encantaria, o livro de Carlos Magno, as entidades Ferrabrás, Floripes e Balão: Mãe Anastácia e as matriarcas que se seguiram a ela e contaram, para seus filhos de santo, as façanhas de todas as personagens daquela narrativa.

A oralidade foi o fio condutor para o encontro entre religiosidade africana e a cultura de origem ibérica, através dos mitos difundidos, em outros continentes, pelos livretos que retomavam o romanceiro.

O homem sempre precisou de mitos que contradissem a realidade, pois buscava um sentido para sua existência e uma explicação para fenômenos, fossem os naturais ou os subjetivos, como a percepção da finitude da existência. Daí que se costuma entender o mito como “uma narrativa de origem”, porque está relacionado a um passado distante e engendra o mundo pela narrativa (SILVA 2010: 47). A narrativa do mito funde o real e o sobrenatural para inserir o homem em outra dimensão habitada por seres idealizados. Na Encantaria, os orixás e voduns não foram suficientes para ligarem este homem à outras dimensões. Houve uma espécie de complementaridade com a introdução de outros mitos, nascidos das páginas dos romances de cavalaria, para

explicarem a existência de entidades com os mesmos nomes de suas personagens do universo literário.

O mito, como discurso fundador, é a voz ancestral, imemorial, representada por um narrador autorizado pelo grupo do qual faz parte (BORGES 2003: 4), no caso, as Iyalorixás. No terreiro, os mitos que fazem parte de sua cosmogonia religiosa são passados oralmente pelos mais velhos, os donos de todo o saber de seu grupo religioso. Sua voz tem poder validado pelos deuses e, portanto, é confiável. Outro ponto importante é que o ouvinte crê piamente no arquivo da memória do narrador. Se a história remonta a tempos imemoriais, não há como saber qual foi a voz inaugural, a primeira a narrar os mitos, e só resta ao ouvinte confiar na que o atualiza. O mito contado é tido como verdadeiro, pois se acredita que essa voz do narrador atual o faz como o fez a voz ancestral.

Nas religiões de matriz africana, levam-se a sério os mitos passados pela boca dos mais velhos. Sua memória individual integra uma memória coletiva trazida da África pelos primeiros negros que aqui viveram e que foi reestruturada a partir da diáspora. Segundo Roger BASTIDE (1980: 99), a perda de sentido sofrida pelo negro em sua religião e forma de entender o mundo motiva dita reestruturação da memória coletiva bruscamente rompida pelo esfacelamento das relações que a mantinham. Abrem-se espaços nela que necessitam ser preenchidos por algo semelhante para dar um novo sentido ao que foi esquecido. Daí, o sincretismo, a exemplo da associação entre santos católicos e orixás, entendida aqui como a partilha dos dois, de características semelhantes: “O sincretismo se realiza pois quando duas tradições são colocadas em contacto, no qual a tradição dominante fornece o sistema de significação, escolhe e reordena os elementos da tradição subdominante” (BASTIDE 1980: 103). Nesse caso, entenda-se aqui que a religião africana é a dominante, um “sistema-partida” (BASTIDE 1980: 105) que dá espaço para assimilar novos mitos da outra cultura, conferindo assim uma nova significação ao seu sistema sem prejudicá-lo.

Dito isto, podemos pensar agora sobre o ingresso das nações africanas e sua cultura que, convivendo no Brasil com a cultura europeia, ressignificaram seus ritos e carregam em si algo dessa alteridade. No Tambor de Mina, o sincretismo, as misturas, as junções convergem a partir de mitos relacionados aos romances de cavalaria e, na

Encantaria, eles se concretizaram definitivamente, deixando marcas profundas no imaginário religioso maranhense.

No Terreiro da Turquia, a transmissão dos mitos e dos segredos da religião da mina não fugiu à regra de outras casas de religiões africanas, uma vez que os filhos de santo assimilavam presencialmente as tradições na convivência com os mais velhos. Mesmo imerso na oralidade, o terreiro não se afastou da cultura extramuros, na qual predomina a escrita. Consequentemente, a influência das formas literárias medievais e religiosas do catolicismo dominante foi inevitável (GOODY 2012: 45).

Por intermédio das entidades encantadas como Ferrabrás e Floripes, o livro sobre Carlos Magno se insere oralmente no terreiro. Mas o livro que contém tais personagens entidades (denominação minha) não consegue se impor como objeto visível ou palpável, pois está guardado a sete chaves, longe dos olhares de todos. A força da tradição oral no terreiro é mais forte e seu movimento é inverso ao das sociedades ágrafas, nas quais a lacuna da escrita torna a oralidade importante. A narrativa sai do livro para a voz dos mais velhos e é repassada, de boca em boca, para manter os costumes antigos.

A memória do grupo se constrói em cima da memória da Iyalorixá. A primeira é coletiva e a segunda individual, mas devemos salientar que a memória sacerdotal também foi construída sob as lembranças dos outros e não foi inventada, mas emprestada pelo seu meio (HALBWACHS 1990: 54). As coisas que ela ouviu, leu e viveu são o suporte para a memória do grupo.

Quem conta os mitos, quem canta as doutrinas no terreiro, passa um atestado de veracidade porque eles fazem parte de um arquivo de “natureza oral, estabelecido imaginariamente na memória social (e individual), pelos efeitos de imemorialidade e ancestralidade” (BORGES 2003: 7). No terreiro, os mitos dos orixás, *voduns* e encantados nos remetem a um tempo diferente, único e impreciso. Não importa que os fatos das narrativas restauradas se choquem com a realidade ou o tempo histórico. Importa crermos neles para termos a certeza de que as personagens fictícias de Ferrabrás, Floripes e Balão ressurgem nos rituais. Os mitos têm a capacidade de retirá-los do universo literário e levá-los às festas do Terreiro da Turquia, que ainda se mantém de pé no bairro do Outeiro da Cruz, em São Luís.

A cada ano, no mês de junho, na festa comemorativa do terreiro, certamente as personagens entidades que deram origem a casa vêm visitar seus convidados para cantar

e dançar junto a eles. Mãe Anastácia e as outras filhas de santo que cediam o corpo para que Ferrabrás, Princesa Floripes e o Almirante Balão pudessem regressar do encanto, já não estão mais entre nós. Ainda assim, a tradição dos rituais se mantém viva, até que reste apenas a última Iyalorixá para transmitir as histórias de cavalaria para seus filhos.

### Referências Bibliográficas

BARROS, Leandro Gomes de. Batalhas de Oliveiros e Ferrabraz. Recife, 1913. Edição encontrada no arquivo eletrônico da Casa de Rui Barbosa. <http://www.casaruibarbosa.gov.br/subsitecordel/leandrocalecaolistactd.html>. (11/07/2020).

BARROS, Leandro Gomes de. A prisão de Oliveiros e dos seus companheiros. Edição encontrada no arquivo digital da Casa de Rui Barbosa. [http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro\\_colecao.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao.html). (12/07/2020).

BASTIDE, Roger. Mémoire collective et sociologie du bricolage. In: ORTIZ, Renato. A consciência fragmentada. Ensaio de cultura popular e religião. Coleção Pensamento Crítico. Volume 41. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORGES, Luiz Carlos. Os guaraní mbyá e a oralidade discursiva do mito. In: FERNANDES, Frederico A. G. (Org.). Oralidade e Literatura. Manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Edeal, 2003.

BURKE, Peter. Variedades da história cultural. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARVALHO, J. Moreira de. Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Tradução do castelhano ao português. Lisboa: Tipographia Rollandiana, 1863. <http://www.Caminhosdoromance.iel.Unicamp.br/biblioteca/0045/index.htm>. (10/7/2020).

CASCUDO, Luis da Câmara. Mouros, franceses e judeus. Três presenças no Brasil. São Paulo: Global, 2001.

CASCUDO, Luis da Câmara. Vaqueiros e cantadores. Folclore poético do sertão do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. Literatura Oral no Brasil. São Paulo: Global, 2006.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. A Casa das Minas de São Luís do Maranhão e a saga de Nã Agontimé. In: Sociologia & Antropologia 9(2), 2019, p.387-429

DURÁN, Augustín. Sección de romances vulgares caballerescos. Romancero general, ó colección de romances castellanos anteriores al siglo XVIII, recogidos, ordenados, clasificados y anotados. v. 2. Madrid: Imprenta de la de la publicidad, 1851. [https://books.google.com.br/books?id=CovyAAAAMAAJ&pg=PP9&hl=pt-BR&source=gb\\_s\\_selected\\_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=CovyAAAAMAAJ&pg=PP9&hl=pt-BR&source=gb_s_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false). (12/07/2020).

FERREIRA, Jerusa Pires. Cavalaria em cordel. O passo das águas mortas. São Paulo: Hucitec, 1993.

FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na guma o caboclo no Tambor de Mina. São Luis: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e religião na Festa do Divino. In: Revista Antropológicas 18(2), 2007, 105-122.

FERRETTI, Sérgio F. Querebentã de Zomadônu. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FERRETTI, Sérgio F. Encantaria maranhense de Dom Sebastião. In: Revista Lusófona de Estudos Culturais 1(1), 2013, 262-285.

GOODY, Jack. O mito, o ritual e o oral. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

LOPES, Antônio. Presença do romancero. Versões maranhenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LUCA, Taissa Tavernard de. A viagem fantástica de Rei Sebastião: de Alcácer Quibir ao terreiro mina. In: Revista Observatório da Religião 1(1), 2014, 242-275. <https://pdfs.semanticscholar.org/d6a2/e111b66509c853d8537cb3c5f0c3338e0c77.pdf>. (02/12/2014).

\_\_\_\_\_. Tem branco na guma. A nobreza europeia montou corte na encantaria maranhense. Tese de Doutorado em Antropologia. Belém. UFPA/PPGCS, 2010.

MEYER, Marlyse. Caminhos do Imaginário no Brasil. São Paulo: Edusp, 2001.

PESSOA, Fernando. A última nau. In: PESSOA, Fernando. Mensagem. Lisboa: [s. n.], 1934.

PRANDI, Reginaldo; SOUZA, Patricia Ricardo de. Encantaria de Mina em São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo. Encantaria Brasileira. O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SILVA, Claudicélio Rodrigues da. As ilhas da encantaria: o rei Sebastião na poesia oral nutrindo imaginários. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2010.

SILVA, Regina C. de Lima e. Da escrita à oralidade na Encantaria do Terreiro da Turquia. Curitiba, PR: Appris, 2018.

VERGER, Pierre. Uma rainha africana mãe de santo em São Luís. In: Revista USP 6, 1990, 151. - 158. <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35735/38451>. (08/07/2020).

